



VENEZUELA MODERNIZAÇÃO CULTURAL MEIO SÉCULO ARTE
LITERATURA TERESA DE LAPARRAMIYÓ VESTRINI FEMININO
DONZELA CRIOLA POLÍTICA DEMOCRACIA POPULISMO LUTA
CESARISMO LAUREANO VALLENILLA LANZFRANKLIN BRITO
CONTRACOLONIALIDADE REVISTA VALVULA FICÇÃO GUERRA
PALEOGRAFIA SPRAY DE NAVARRETTI LEITURA CULTURA
VICTORIA DE STEFANO PETRÓLEO
ANTI-IMPERIALISMO IMAGINÁRIO TROPICANISMO
EL COJO ILUSTRADO DE CARACAS MEMÓRIA

PANORAMA HISTÓRICO-CRÍTICO DA LITERATURA VENEZUELANA

Daniela Campos
Cristina Gutiérrez Leal
Organizadoras

PANORAMA HISTÓRICO-CRÍTICO DA
**LITERATURA
VENEZUELANA**

Daniela Campos
Cristina Gutiérrez Leal
Organizadoras

2024 © Editora Lupa
© Daniela Campos, Cristina Gutiérrez Leal.

EDITOR-CHEFE

Geison Araujo Silva

CONSELHO EDITORIAL

Ana Carla Barros Sobreira (Unicamp)	Lucélia de Sousa Almeida (UFMA)
Bárbara Olímpia Ramos de Melo (UESPI)	Maria Luisa Ortiz Alvarez (UnB)
Diógenes Cândido de Lima (UESB)	Marcel Álvaro de Amorim (UFRJ)
Jailson Almeida Conceição (UESPI)	Meire Oliveira Silva (UNIOESTE)
José Roberto Alves Barbosa (UFERSA)	Miguel Ysrrael Ramírez Sánchez (México)
Joseane dos Santos do E. Santo (UFAL)	Rita de Cássia Souto Maior (UFAL)
Julio Neves Pereira (UFBA)	Rosangela Nunes de Lima (IFAL)
Juscelino Nascimento (UFPI)	Rosivaldo Gomes (UNIFAP/UFMS)
Lauro Gomes (UPF)	Silvio Nunes da Silva Júnior (UFAL)
Letícia Carolina P. do Nascimento (UFPI)	Socorro Cláudia Tavares de Sousa (UFPB)

Projeto gráfico e diagramação: Editora Lupa

Revisão: Autores e autoras

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Panorama histórico-crítico da literatura venezuelana [livro eletrônico] / organizadores Daniela Campos, Cristina Gutiérrez Leal. -- Tutoia, MA : Editora Lupa, 2024.

PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-89932-99-4

DOI 10.29327/5418815

1. Literatura venezuelana 2. Literatura venezuelana - História e crítica I. Campos, Daniela. II. Leal, Cristina Gutiérrez.

24-221318

CDD-V863

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura venezuelana : História e crítica V863

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



Rua Celso Fonseca, 456, Centro, Tutóia/Maranhão, 65580-000
contato@editoralupa.com.br | www.editoralupa.com.br

Os discursos migrantes e as fronteiras de papel (o caso venezuelano)

Gregory Zambrano

1 Introdução

Na Venezuela, durante a década dos anos 50 do século XX, ocorreu um intenso processo de mobilidade, tanto dentro do país como do exterior. Tudo foi devido a políticas expansionistas patrocinadas pelo “Novo Ideal Nacional” que defendia a ditadura de Marcos Pérez Jiménez, e gerou uma forte migração que se tornou um fenômeno de consequências inegáveis para definir a configuração da nacionalidade moderna na Venezuela. Este estudo trata-se da condição de migrante, o problema da transterritorialidade e a noção de hibridação cultural a partir de dois romances de autores venezuelanos: *Zarandona* (2000) de Josu Landa (1953), que retratou o fenômeno da chegada da emigração basca à Venezuela nos anos 1950, e *Uma tarde com campanhas* (2004), de Juan Carlos Méndez Guédez (1967) na qual explica as dificuldades de inserção dos emigrantes venezuelanos na Espanha.

O fenômeno da migração é um problema antigo. Tem sido vivido por um grupo de países em circunstâncias particulares, motivado por diversas razões, entre os mais frequentes: conflitos armados, perseguições políticas e ideológicas e, principalmente, por motivos econômicos.

1 Tradução: Jesús Arellano.

Para compreender este fenômeno é necessário levar em conta alguns aspectos que apresento a continuação: a) A condição do migrante: é o estado que define a nova ordem do sujeito que se desloca. Seus problemas, em um sentido amplo, nos permitem teorizar o problema da transterritorialidade. b) Hibridização cultural: é uma noção que ajuda a caracterizar o deslocamento e suas consequências, como um fenômeno complexo que vem se intensificando nos últimos anos.

2 Condição de migrante e hibridização cultural

Na Venezuela, durante a década de 50 do século XX foi aprofundado o intenso processo de mobilidade, tanto do interior do país até Caracas, a capital, como de alguns países estrangeiros: Portugal, Espanha e Itália, principalmente. O que tinha iniciado com reformas sociais e políticas, após a morte de Juan Vicente Gómez, em 1936, se intensificou com as linhas expansivas promovidas pelo “Novo Ideal Nacional” que defendia a ditadura de Marcos Pérez Jiménez, em 1952. O qual propiciou uma forte migração que se tornou um fenômeno de consequências inegáveis para definir a formação da nacionalidade moderna na Venezuela. Embora seja verdade que o fenômeno migrante foi o causante de algum trauma devido à confusão e do estranhamento cultural, também propiciou mudanças complexas na situação socioeconômica, e transformou o sentido da cidadania.

A referencialidade literária tem nos permitido visualizar as formas como este fenômeno da migração transformou os espaços socio-culturais em que envolvem giros linguísticos, conflitos de adaptação, fricções produzidas pelo intercâmbio cultural; da mesma forma, o fenômeno promoveu o surgimento de estruturas identitárias possibilitadas pela formação de novas famílias.

No presente estudo me ocupo de sustentar a análise deste problema, de maneira específica, em duas obras literárias contemporâneas de alta qualidade, escritas por autores venezuelanos. Ambos apresentam toda uma proposta problemática do fenômeno migrante. Nesse sentido tenho a intenção de focar brevemente o fenômeno migrante em *Zarandona* (2000) de Josu Landa (1953), que retrata fenômeno da chegada da migração basca à Venezuela no final dos anos 50 e *Una tarde con campanas* (2004) de Juan Carlos Méndez Guédez (1967) que mostra as dificuldades de inserção dos migrantes venezuelanos na Espanha. Ambas as obras possibilitam problematizar o aspecto migrante e compreender diversos registros sobre espacialidade, a língua e conflitos de inserção em novas realidades, marcadas pelo fenômeno do estranhamento.

3 O território e consciência de si

A inserção numa sociedade diferente daquela em que nasceu e cresceu, pressupõe contradições que residem na consciência de si que os sujeitos migrantes têm, e que serão constantemente revistas e reformuladas. Isso também pode ser entendido como uma possível causa da crise de identidade que costuma surgir em algum momento do processo de adaptação e inserção. Claro que a complexidade do fenômeno poderíamos perceber desde uma perspectiva que permite entender a assimilação ou uma forma de resistência que poderia ser explicada como um fenômeno de aculturação ou transculturação. Igualmente, poderia levar a uma intensificação do nacionalismo, que está em sintonia com a consciência de perda das possessões prévias, ou gerar uma forma de pressão social que o leva assumir determinada conduta identitária.

Esse aspecto pode ser palpado na maneira como a língua literária estabelece um mecanismo que permite olhar tanto na superfície de sua estrutura como na sua profundidade semântica, os dramas humanos, os modos de representação de outros mundos, alternos e construídos de maneira nem sempre consciente. Portanto, contar histórias é necessário, relatar, assim como Paul Ricoeur aponta:

Contamos histórias porque finalmente as vidas humanas têm necessidade e merecem ser contadas. Essa observação adquire toda sua força, quando evocamos a necessidade de salvar a história dos vencidos e dos perdedores. Toda história do sofrimento clama por vingança e exige narração (Ricoeur, 1994, p. 116).

Nesse sentido, as vicissitudes da migração se projetam na obra literária de forma diversa e complexa. No caso específico da Venezuela, existe um corpus literário abundante, principalmente romances, contos e poemários que mostram com diferentes graus de profundidade o fato mesmo da migração e os mundos construídos no novo cenário vital, o país de acolhida. Assim, a literatura mostra artisticamente as fronteiras como espaço simbólico, uma realidade que, embora faça parte da própria vida, adquire validade no papel. Como observou Óscar Rodríguez Ortiz:

Os anos cinquenta do século XX, tão modernos com suas estradas, seus edifícios, uma maior influência do modo de vida norte-americano nos costumes e escolhas, são os ideais para quem vem de fora com bagagem cultural abordar o assunto e se tornar literatura² (Ortiz, 1995, p. 192).

Para essas notas vou me valer da noção de “condição migrante”

2 Los años cincuenta del siglo XX, tan modernos ellos con sus autopistas, sus edificios, una mayor influencia del modo de vida norteamericano en las costumbres y gustos son los ideales para que los venidos de afuera con bagaje cultural aborden el tema y lo conviertan en literatura.

desde a perspectiva oferecida por Walter Mignolo quando ele considera “um mapa no qual as conceituações regionais se encontram para dar conta da complexidade das interações do local e do global como lugares dialógicos para pensar desde e para pensar com” (Mignolo, 1996, 38)³. Nesta proposta reside o princípio enunciativo que situa um *locus* enunciativo que estabelece o ponto de partida da narração. Também a condição de migrante poderia se explicar atendendo às preocupações de Antonio Cornejo Polar quando se questiona sobre “se a condição de migrante funciona [...] como um locus enunciativo e se a partir daí é gerado algum uso mais ou menos diferenciado da linguagem que poderia remitar à constituição de um sujeito disgregado, difuso e heterogêneo: o sujeito migrante” (Polar, 1995, p. 104)⁴.

É desde estas considerações que vou partir para articular o discurso a problematizar nos dois romances contemporâneos sobre o fenômeno migrante. O primeiro, *Zarandona* de Josu Landa (2000), desde a perspectiva da memória e da nostalgia e o segundo, *Una tarde con campanas*, de Juan Carlos Méndez Guédez (2004), desde a perspectiva da representação linguística.

4 *Zarandona*: a diáspora basca

O romance de Josu Landa é também o primeiro escrito por um venezuelano, sobre a diáspora basca devido ao franquismo; e é a história de uma “guerra que o regime de Franco não conseguiu aniqui-

3 “un mapa en el que las conceptualizaciones regionales se encuentran para dar cuenta de la complejidad de las interacciones de lo local y lo global como lugares dialógicos para pensar desde y pensar con”.

4 “si la condición migrante funciona [...] como un locus enunciativo y si a partir de allí se genera un cierto uso más o menos diferenciado del lenguaje que podría remitar a la constitución de un sujeto disgregado, difuso y heterogéneo: el sujeto migrante”.

lar” (Landa, 2000, p. 14)⁵. Paulino Zarandona, é um aldeão basco que chegou à Venezuela no início dos anos 1950; ele é um sobrevivente da Guerra Civil Espanhola. Dois anos após inserido no oriente da Venezuela, se encontra com seu compatriota Zuriñe, com quem casou por procuração⁶ dois anos antes. Três filhos nascem do casamento: Imanol, Mikel e Ander. Como muitos outros imigrantes, se enfrenta as vicissitudes de trabalho duro empregado numa empresa de um de seus conterrâneos, e em seguida, começa a trabalhar como um mecânico para uma empresa de petróleo. Quando o filho mais velho tem oito anos, Zarandona envia toda a família para o País Basco para que as crianças aprendam sua língua materna, sejam educadas lá e conheçam o ambiente cultural de seus antepassados.

Paulino Zarandona também aguarda seu próprio retorno, pois sempre pensou que sua estadia na Venezuela será provisória, um exílio forçado que terminaria logo. Mas, como fala Mikel, narrador do romance, o projeto de Zarandona será frustrado: “Franco não caiu nem morreu no momento que devia e nós ficamos sem pai”. Enquanto isso, para o velho Zarandona a imagem da terra é uma visão recorrente de sua própria subjetividade. No começo, esse “verdor onímodo das paisagens do País Basco”; aquelas imagens do mar, montanhas, rios e árvores, aquele “lugar agora é puro tempo” que se torna para ele ou constante na melancolia.

Com o retorno dos filhos, uma década depois, a família é reconstruída. Mas não por muito tempo. Os filhos vão para a universidade, longe da casa dos pais. Imanol, o mais velho, se rebela contra a autoridade de seu pai e vai embora. Zarandona continua a trabalhar

⁵ “guerrero que el franquismo no pudo aniquilar”.

⁶ N. T. Tipo de casamento no qual um dos membros não está presente fisicamente.

com força, avança, constrói uma “casa grande” e vive os avatares do trabalho entre as carências e o sonho de progresso. Aspira e consegue devagar um ascenso social.

O romance é a história de Mikel, que além do anedótico, mergulha na personalidade do protagonista, constrói e reconstrói uma saga, e apresenta todos os detalhes de uma experiência existencial. A personalidade de Zarandona, aquele velho era capaz de tudo desde que:

Sobreviveu a uma guerra de três anos à qual ingressou quando ele tinha quinze anos, desde [que] assumiu com dignidade a sua condição de vencido, desde que superou como poucos a humilhação dos trabalhos forçados e o serviço militar fascista e atravessou a poça sozinho e plantou toda a sementeira, tudo esse monte de nervo, de carne, de bolas mais bascas que a boina um Aitor ou cúpula de San Miguel⁷ (Landa, 2000, p. 6).

Com essa apresentação do personagem, estamos prestes a ouvir sobre sua busca, seus caminhos, seus sucessos e seus fracassos. *Zarandona* é mais que a história de um aldeão basco, é mais que o canto de nostálgica ao lar perdido, é a luta de um homem fazendo seu destino com suas próprias mãos, em terras distantes; sonho de retorno e fortuna; em seguida, mostrar que nem a maldade, nem a morte, nem a miséria de seus opressores puderam-lhe vencer. Esta ilusão anima a vida daquele homem que se torna patriarca, que transfere usos e costumes de sua terra para outro que o acolhe; suas palavras lhe permitem retornar em seus próprios passos por médio da escrita de Mikel.

O narrador, enquanto escuta, é confessor, psicanalista, confiden-

⁷ sobrevivió a una guerra de tres años a la que ingresó cuando tenía quince, desde [que] asumí con sobrada dignidad su condición de vencido, desde que superó como pocos la humillación de los trabajos forzados y el servicio militar fascista y cruzó el Charco solo y sembró todo ese semillero, todo ese montón de nervio, de carne, de cojones más vascos que la boina de Aitor o la cumbre de San Miguel.

te e recebe o testemunho mais organizado das “histórias” que ouviu de forma fragmentada desde criança; agora tudo é verificado mediante a sua própria comparação dos fatos, os quais contrasta e ironiza. Este último recurso, compartilhado com o leitor, cria um disco alternativo que processa sistematicamente o que é contado; o repassa, o anota, o amplia sempre mantendo em estado de alerta ao leitor. Mikel escuta, registra, ordena, escreve.

O sonho da volta é, mais do que tudo, uma obsessão do velho patriarca que nunca deixou de calcular os passos até ao ponto de partida. Essa ideia o ataca já no final do romance, transformado em um sonho que tenta esclarecer, explicar, e que não é mais do que o retorno à infância (ao paraíso?) ou mais para trás, o retorno ao lar terrestre é também um retorno ao seio materno, o único lugar onde seria possível fechar o círculo. Este sonho também é, mas no sentido inverso, uma revelação; é a negação do retorno e da consciência não manifestada (mas intuída por Mikel) de seu passo precipitado em direção à morte; para o único lugar que é verdadeiramente amargo, ou apenas acompanhado de fantasmas e memórias.

Diante da guerra, a chegada de Franco ao poder a diáspora republicana, estamos testemunhando uma reflexão sobre o exílio. O que foi deixado para trás, o achado e o construído. A ideia de exílio implica, ainda para este fazendeiro, que segundo o narrador, não racionaliza, mas deve instinto, uma ruptura terrível, uma ferida que nunca vai cicatrizar:

O exílio não é realmente um abandono do paraíso, mas sim uma fuga para diante com o paraíso nas costas em forma de memória e nostalgia, que tenta sempre se tornar uma realização do paraíso, em uma cadeia sem fim que aprisiona as almas das pessoas e de todos os povos do mundo, sendo um convite permanente à vontade de viver, mas tam-

bém à vontade de guerra⁸ (Landa, 2000, p. 103).

Haverá sempre uma terra prometida, que motivou ao patriarca Moisés, mas também um limitante a vencer que irá ser a impossibilidade de achara-la. A terra prometida está além das opções da prisão, da miséria e da morte, devem então paraíso: “O verdadeiro paraíso é aquele que se adapta à fome, escravidão, pobreza e angústia que ficam para trás, tão perto quanto possível a essa região do nada que é o esquecimento” (Landa, 2000, p. 100)⁹.

Em meio a essas circunstâncias difíceis, Zarandona renasce em seu reino: o reino da Zarandona, construído no calor da indústria do petróleo, era “muito deste mundo”, onde o “suor torrencial e o sangue e a carne que foi espalhada em peças entre cábreas e balancins, na savana havia suor e sêmen e bile que foram espalhados no boteco e no bordel” (Lamda, 2000, p. 19)¹⁰. Era uma porção da Venezuela dos anos cinquenta no pequeno universo do imigrante, segmentada, mas deixava abertas as fendas pelas quais se podia olhar o resto do país, ou o que estava acontecendo nas grandes cidades no sincero processo de urbanização; cidades em transição, como as chamou William Niño Araque, que se resumem em uma “cidade sem esperança, uni-

8 El exilio no es realmente un abandono del paraíso, sino una fuga hacia delante con el paraíso a cuestas en forma de memoria y nostalgia del paraíso, que trata de pasar a ser realización del paraíso, en una cadena interminable que aprisiona las almas de la gente y de todos los pueblos del mundo, siendo una invitación permanente a la voluntad del vivir, pero también la voluntad de guerra.

9 “El paraíso verdadero es uno a la medida del hambre, la esclavitud, la pobreza y la angustia que van quedando atrás, lo más cerca posible de esa comarca de la nada que es el olvido”.

10 “sudor torrencial y la sangre y la carne que se esparcía a trozos entre cabrias y balancines, en la sabana eran el sudor y el semen y la bilis que se ofrendaban en la taguara y el bordel”.

da por imigrantes sem-terra e sem projeto” (Araque, 1995, p. 203)¹¹.

O problema da ditadura não é apenas a abjeção que se introjeta em um sistema de força que divide a nação entre aqueles que estão ainda dentro, em bandos opostos, adeptos e opositores; ou aqueles que têm de ir para o exílio e continuar de fora alimentando a esperança de mudança e da possibilidade de retorno. Uma ditadura também está se enraizando na Venezuela dos anos 1950, uma ditadura cívico-militar que também dividiu a nação, liderada por quem na história se chama “O caudilho cívico”. Com o apoio ideológico de uma ditadura disfarçada de democracia, se impôs o Novo Ideal Nacional, que mostrava sua melhor face para o exterior para atrair a imigração motivada pela miragem do progresso material, do povoamento e do crescimento das cidades em infraestrutura e serviços¹². Durante o “perezjimenismo” a Venezuela experimentou um:

Constructivitis que atingiu todo o território. Obras úteis e outras totalmente suntuárias e faraônicas foram erguidas. Entre as primeiras obras importantes realizadas conta-se o trabalho de infraestrutura e construção de moradias, escolas, hospitais e campos desportivos; no segundo, a maioria dos edifícios luxuosos de Caracas¹³ (Portillo, 1986, p. 90).

Enquanto um setor importante da população tentava se salvar

11 ciudad desesperanzada que va unida de los inmigrantes sin tierra y sin proyecto.

12 O processo de urbanização da Venezuela, desenvolvido entre as ditaduras de Juan Vicente Gómez e de Marcos Pérez Jiménez é mostrado em detalhes no estudo de Juan José Martín Frechilla, *Planes, planos e proyectos para Venezuela: 1908-1958 (Notas para una historia de la construcción del país)*, Universidade Central da Venezuela, Caracas, 1994. A incidência desse processo na literatura pode ser revisado no estudo de Isidoro Requena, *La memoria demistificadora (La novela venezolana durante el perezjimenismo)*, Universidade de Los Andes, Mérida, 1992.

13 “Constructivitis” que alcanzó a todo el territorio. Se levantaron obras útiles y otras completamente suntuarias y faraónicas. Entre las primeras se cuenta la importante labor emprendida en cuanto a la infraestructura y la construcción de viviendas, escuelas, hospitales y campos deportivos; dentro de las segundas la mayoría de las edificaciones lujosas de Caracas

da prisão e conservar a liberdade que quase equivalia a preservar a vida, outro setor teve como opção apenas emigrar. Muitos venezuelanos naquela época buscavam liberdade e vida em outros países. É esse paradoxo que se mantém em uma espécie de fluxo e contrafluxo. Ao mesmo tempo que Paulino Zarandona perseguia a quimera da vida, da liberdade e do progresso material, outros venezuelanos saíam do país, sem outra alternativa, mas “fugir com a pátria na alma, tomar forças, preparar-se para a volta, tentar, fracassar, fugir de novo com a pátria já não tão arraigada na alma e deixar os ossos em uma tumba que com certeza vai sentir alheia” (Landa, 2000, p. 40)¹⁴.

A visão do franquismo é dada pelo menos a partir de duas perspectivas, tanto do pai, que reconstrói seu presente com retrospectão de experiência vivida, e avalia as consequências desse fenômeno histórico-político em sua vida, como os mesmos pontos de vista de Mikel, o filho e narrador, que se opõe a seu ponto de vista, mas muito mais distanciado e mais crítico do fato histórico, denunciando no romance com a seriedade e sensibilidade que motiva ao ressentimento. Continua a definir uma relação com a abjeção também do assim chamado de “Caudilho Cívico” que na Venezuela dessa época direciona o país tendo como irônico alvo a modernidade sem modernização, protegido como tinha sido a ditadura de Gómez, na indústria do petróleo ainda mais incipiente e “favorecida” pelo intervencionismo norte-americano, também denunciada no romance.

O espaço de chegada convoca as mesmas sensorialidades da paisagem deixada para trás: cheiros, sabores, formas e cores. Essa é outra maneira de aumentar o sentimento de perda. É também uma maneira

14 Huir con la patria en el alma, tomar fuerzas, preparar el regreso, intentarlo, fracasar, volver a huir con la patria ya no tan en el alma y dejar los huesos en una huesa que seguramente sentirá ajena.

de sofrer o exílio por outras carências que não são só as necessidades materiais, mas é inevitável que essa sensação se apodere da memória, ainda que o narrador a considera “erro típico dos imigrantes, também dos conquistadores e colonizadores de todo tipo: ver sempre na nova terra exatamente a mesma terra onde nasceu e aprendeu a domar com suas mãos desde a criança” (Landa, 2000, p. 47)¹⁵. Mas tudo isso se transforma quando acontece finalmente uma comunhão com a savana, com todos os elementos que a habitam: “o mentrasto e o téu-téu-da-savana, o vaga-lume e troupial, o burití e o temblador, o charrasco e o jabuti, o tatu e a cobaia, o urubu e a cascavel, a carraça e o cupim, a saúvas e a cigarra, suplantaram quase completamente as paisagens e os animais que, desde a infância, encheram a alma de Zarandona” (Landa, 2000, p. 51)¹⁶.

Esse lugar, aquele de lá, é para mim o alvo, o ponto que fecharia o círculo. É o desejo final que prolonga, e finalmente não consegue concretar se como realidade: “um horizonte que não fazia falta mais em uma das suas coordenadas misteriosas e invisíveis abrigou um sonho extinguível chamado de País Basco Euskal Herria, no vocabulário ideologizado de Zarandona e que devíamos ver como uma miragem na distância e apreendê-lo e mantê-lo na mente para sempre” (Landa, 2000, p. 107).¹⁷

15 error típico del inmigrante, también de los conquistadores y colonizadores de todo tipo: ver siempre en la nueva tierra sólo la misma tierra que le vio nacer y que aprendió a domar con sus manos desde niño.

16 el mastranto y el alcaraván, el cocuyo y el turpial, el moriche y el temblador, el chaparro y la tortuga, el cachicamo y el acure, el zamuro y la cascabel, la garrapata y el comején, el bachaco y el cigarrón, suplantaron casi por completo los paisajes y los animales que, desde su niñez, llenaban el alma de Zarandona.

17 un horizonte que no faltaba más en alguna de sus misteriosas e invisibles coordenadas albergaba un sueño inextinguible llamado País Vasco Euskal Herria, en el vocabulario ideologizado de Zarandona y que debíamos ver como espejismo en la lejanía y

O romance oferece um balance entre guerra, derrota, escravidão no pós-guerra, o exílio, o fracasso diante da possibilidade de reintegração ou independência econômica. O efeito da leitura se reverte na intencionalidade do narrador, quem quanto mais questiona e nega a Zarandona, mais reafirma sua singularidade, sua obra, seu produtivo desatino. É Zarandona, em seu relato, a transposição viva do tempo mítico que se torna histórico na evocação, nos acontecimentos e nas datas precisas e inconfundíveis.

Uma longa conversa retardada com a duração de metade de um dia, entre a tarde e à noite, resume o que não foi dito durante toda uma vida, quase cinco décadas de exílio tentando regressar para o ponto de partida, mas com a consciência de que o novo espaço foi o verdadeiro lar, espaço de vida e de luta, enquanto o espaço deixado é apenas o sonhado, que após tanta espera acaba sendo idealizado. A nova terra, a dos filhos, a da maturidade era a única certeza; assim como a savana lhe tinha sido entregue totalmente, assim a terra de seu presente e não o passado, iria abrir seu ventre para recebê-lo finalmente. O saldo é uma grande lição de vontade, que também é uma forma de realização do desejo.

5 *Una tarde con campanas*: início da diáspora venezuelana

Temos destacado como durante os anos 50 e 60 do século XX se estimulou a imigração para a Venezuela. Produto da troca intercultural e da nova ordem que instaura com a chegada das migrações, configura-se uma nova forma de hibridização cultural que com o tempo daria umas características muito especiais a idiossincrasia do país. His-

aprenderlo y tenerlo presente para siempre.

toricamente, tem sido considerado sinais decisivos de participação na nação de vários países que contribuíram para o desenvolvimento da Venezuela contemporânea. Desde o final dos anos noventa do século XX, o fenômeno começou a se transformar a inversa, poderia se dizer que as mudanças no modelo político venezuelano do final de século, tem propiciado uma diáspora de muitos venezuelanos para os Estados Unidos, mas também para a Espanha e, em menor medida, para outros países da América Latina e da Europa. Embora seja verdade que espanhóis, italianos e portugueses, principalmente, escolheram vir para a Venezuela porque era um país que oferecia alguma estabilidade econômica, a maioria dos imigrantes fugia das cenas de guerra e ficaram atraídos pelos benefícios da indústria em expansão do petróleo.

O êxodo apresentado hoje na Venezuela, responde não só à necessidade de se formar academicamente em um país estrangeiro, ou assumir os perigos da dissidência política, pois a condição de refugiado é bastante exigente desde o ponto de vista jurídico. Tenta-se fundamentalmente de procurar melhor os padrões de vida e adquirir garantias de segurança pessoal, entre muitas outras razões.

Enquanto os textos literários nos ajudam a entender uma imagem recortada da realidade, e não por sua condição de espelho, mas de multiplicador de uma imagem, pode-se dizer que a ficção e a realidade estabelecem de maneira complexa uma relação comunicativa, como Wolfgang Iser (1989) explica bem. Em vez de ser simplesmente o oposto da realidade, “a ficção nos comunica algo sobre a realidade [...] Enquanto estrutura de comunicação, a ficção liga a realidade a um sujeito, que é colocado em relação à realidade precisamente em

relação a de ficção” (Iser, 1989, p. 166)¹⁸. Sobre o fenômeno da migração, é importante levar em conta pelo menos dois rasgos fundamentais que um estudo bem-sucedido Belinda Téllez (2004) sintetizou de modo conciso:

Em enquanto deslocamento e inserção para e em outro contexto sociocultural, é uma situação que sacode mais intensamente a identidade dos indivíduos, por diversas razões: em primeiro lugar, os imigrantes se tornam o outro fundamental do país de ‘acolhida’; seus costumes e hábitos passam de um alto grau de aceitação e compreensão a ser vistos com olhos intrigados e discriminatórios (a familiar rotina para integrar uma maioria cultural torna-se a certeza de ser parte de uma minoria étnica). Em segundo lugar, é comum que os imigrantes sejam excluídos da comunidade social dominante e sofreram a experiências de isolamento e subordinação, com suas implicações para a desigualdade social e redução da capacidade jurídica, pois o expatriado perdeu, entre outras coisas, seu status de cidadão ¹⁹ (Téllez, 2004, p. 21).

No relato de José Luis, um menino de aproximadamente 8 anos, personagem e narrador principal de *Una tarde con campanas*, temos uma condição fragmentária que constrói uma ponte entre a brevidade das passagens do relato e o próprio discurso descontínuo de um meni-

18 “la ficción nos comunica algo acerca de la realidad [...] En tanto que estructura de comunicación, la ficción liga la realidad a un sujeto, que se pone en relación con la realidad precisamente por mediación de la ficción”

19 En tanto que desplazamiento e inserción hacia y en otro contexto sociocultural, es una de las situaciones que sacude más intensamente la identidad de los individuos, esto por varias razones: en primer lugar, los inmigrantes se convierten en el otro fundamental del país de “acogida”; sus costumbres y hábitos pasan de un alto grado de aceptación y comprensión, a ser vistos con extrañados y discriminatorios ojos (la familiar rutina de integrar una mayoría cultural se torna en la certeza de formar parte de una minoría étnica). En segundo lugar, es común que los inmigrantes sean excluidos de la comunidad social dominante y padezcan experiencias de aislamiento y subordinación, con sus respectivas consecuencias en cuanto a desigualdad social y disminución de la capacidad jurídica, puesto que el expatriado ha perdido, entre otras cosas, su condición de ciudadano

no cuja memória tenta se articular em uma sequência lógica, embora ele não consiga na sua totalidade e fixa, efetivamente, umas experiências espasmódicas, portanto, anárquicas. Vamos entender este aspecto mediato com três exemplos:

Em Madri, quando faz calor, está quente, quente, quente. Quando faz frio, é frio, frio, frio. O calor de Madri torna-nos tolos. Sentamos na sala de estar ao lado de um ventilador anão que meu pai comprou. E quando vem o namorado de Somaira ela pega o ventilador e o leva para a varanda para que o cara não critique o quão quente é a nossa casa²⁰ (Guédez, 2004, p. 17).

O pai de Chang é o dono da loja dos chinos. Chang é amigo do Francisco. Francisco mora a dois quarteirões de distância. Ambos sempre ficam rindo quando eu jogo tomates para Ismael Prados. E quando nos encontramos no bar, eles me cumprimentam e às vezes jogamos futebol²¹ (Guédez, 2004, p. 159).

Ei, José Luis, queria te perguntar uma coisa. Fala. O sábado de manhã. É. No sábado de manhã vi o Francisco e o Chang na praça. É. E tinha outro menino com eles, mas eu estava com pressa e não tenho certeza. É. E eu vi que começaram a atirar pedras nos drogados [...] É. Pedras, eles jogaram pedras neles e depois eles correram. É. Bom, você não era o outro menino? É. Bom, é isso, não foi você? Eu não era, seria outro, mas eu não²² (Guédez, 2004, p. 169).

20 En Madrid, cuando hace calor, hace calor calor calor. Cuando hace frío, hace frío frío frío. El calor de Madrid nos pone tontos. Nos sentamos en la sala junto a un ventilador enano que compró papá. Y cuando viene el novio de Somaira ella agarra el ventilador y lo lleva al balcón para que el señor ese no critique lo caliente que está nuestra casa

21 El papá de Chang es el dueño de la tienda de los chinos. Chang es amigo de Francisco.

Francisco vive dos manzanas más allá.

Los dos siempre se ríen cuando yo le lanzo los tomates a Ismael Prados. Y cuando nos encontramos en el bar, me saludan y a veces jugamos al fútbolín

22 Oye, José Luis, quería preguntarte algo. Ajá. El sábado en la mañana. Ajá. El sábado en la mañana vi a Francisco y a Chang en la plaza. Ajá. Y estaba otro chico con ellos, pero yo llevaba prisa y no estoy segura. Ajá. Y vi que empezaban a lanzarle piedras a los yonquis [...] Ajá. Piedras, les tiraban piedras y luego corrían. Ajá. Bueno, ¿no eras tú el

Nos três exemplos, o relato da criança-narrador incorpora algumas interpolações que estabelecem marcas de fala de outros narradores cujas vozes são intercaladas e permitem compreender os vestígios de uma forma particular do socioleto venezuelano. Essa maneira de fazer às vozes, e os personagens coincidir no mesmo espaço-tempo, permite ao narrador estabelecer diferentes níveis de compreensão da realidade, o qual configura, não só a história de José Luis, mas outras histórias secundárias. Ao mesmo tempo, quando o narrador muda de foco e já não é mais a criança quem constrói as ações com suas palavras, mas se produz uma mudança no enunciador, aparecem outros traços culturais que são o resultado da nostalgia ou a saudade:

Desde Alfonso XII, irrompeu um bando de pássaros. Um barulho aquático, um golpe espumoso, como de milhares e milhares de pequenos rios agitando-se no ar. Envolta em luz amarela apareceu uma mulher nua, bela, com um corpo esplêndido, cheio de curvas. Uma mulher de seios firmes que ia montada sobre uma anta. O céu estava coberto de borboletas-azuis, com incisões de luz, com doces fragrâncias²³ (Guédez, 2004, p. 69).

De uma maneira dissimulada, o narrador configura um corpo cultural que é legível desde o capital cultural do venezuelano que cresceu rodeado por relatos maravilhosos, por processos de criação pouco convencionais que, para muitos, são indicativos de uma idiossincrasia que aprofunda suas raízes no mítico. Exemplo disso é o fragmento supracitado que tem como referência cultural a figura de Maria Lion-

otro chico? Ajá. Pues eso, ¿no eras tú? Yo no era, sería otro, pero yo no era

23 Desde Alfonso XII irrumpió una bandada de pájaros. Un ruido acuático, un golpe espumoso, como el de miles y miles de pequeños ríos repicando sobre el aire. Envuelta en luz ámbar apareció una mujer desnuda y hermosa, con un cuerpo soberbio, lleno de curvas. Una mujer de senos erguidos que iba montada sobre una Danta. El cielo se cubrió de mariposas azules, de incisiones de luz, de fragancias dulzonas

za, deusa mítica ligada ao esplendor da natureza, objeto de culto da fé popular.

É claro que, nos casos mencionados, a língua contribui na constituição da consciência coletiva e permite estabelecer formas de simbolização, estabelecida a identidade de grupo. As características distintivas da língua ajudam a entender os detalhes correspondentes à procedência geográfica do emissor, de seu nível socioeconômico, assim também ao registro que desde o coloquial até o formal, nos localiza na configuração do personagem.

Em obras literárias que mostram o tema da migração, encontramos alguns usos da linguagem que ajudam na compreensão de sua representatividade cultural, na qual repousa sobre o socioleto venezuelano e, especificamente, nas formas de fala coloquial. Vemos como exemplo o uso de localismos como *catira*, *arrechera* e *carajazo*, equivalente ao nome generalizado de uma mulher loira, o primeiro; o sentimento de raiva, desconforto ou impotência, o segundo e o terceiro designando uma tapa. Especificamente, os modos como essa forma de falar diferenciada é percebida pelos interlocutores, faz com que eles detectem nas formas de fala um certo tipo de “alteridade”: “Falamos não sei de que é ela me disse que eu tinha um sotaque muito bonito. Fiquei quieto porque não sabia o que é sotaque, e quando cheguei em casa contei tudo para o Augusto” (Guédez, 2000, p. 34)²⁴. Vamos ver outro exemplo:

– *Chévere cambur* – grita meu pai e eu corro para abraçá-lo. Eu gosto de que ele me chama assim na rua porque ninguém nos entende. Apenas ele e eu (bom... e meus irmãos, e minha mãe... bom... e as meninas e

24 Hablamos no sé de qué y ella me dijo que yo tenía un acento muy bonito. Yo me quedé callado porque no sabía qué es un acento, y cuando entré a casa le conté todo a Augusto.

também as velhas que alugaram o quarto) entendemos esse grito.

Mariana me perguntou um dia o que significava e eu não consegui explicar-lhe. *Chévere cambur é chévere cambur* e pronto. É meu pai que volta, é meu pai quando a gente vai comer lombo, é meu pai quando eu levo para ele uma cerveja gelada perto da TV.

Mariana me disse que *chévere cambur é tope guay*, mas eu não soube o que dizer. [...] *Chévere cambur é chévere cambur* e é isso. *Chévere cambur chévere cambur chévere cambur*²⁵. (Guédez, 2004, p. 39).

Expressões como *chévere* equivalem a uma forma positiva; significa estar bem ou concordar. Também conota uma forma de se assumir como venezuelano, é uma condição de ser e de estar, de parecer e se reconhecer sem mais imposturas quando é preciso definir a sua condição migrante, essa não é definida, mas é no termo como se é na linguagem, tudo em seus rasgos distintivos.

Como forma de apego ao modo de ser, é apego também ao modo de falar, à resistência à substituição de palavras de uso cotidiano. Portanto, o pai de José Luis tenta que o menino não mude a forma como dá nome a determinados objetos também representam certas estruturas culturais:

Não fale *auto*, fale *carro*.

Não fale *sandia*, fale *patilla*.

Não fale *gafas*, fale *lentes*.

25 — *Chévere cambur* — grita mi padre y yo corro para abrazarlo. Me gusta cuando me llama así en plena calle porque nadie nos entiende. Sólo él y yo (bueno... y mis hermanos, bueno... y mi mamá... bueno... y las muchachas y las viejas que alquilaron el cuarto) comprendemos ese grito.

Mariana me preguntó un día qué significaba y yo no supe explicarle. *Chévere cambur* es *chévere cambur*. Es mi papá que regresa, es mi papá cuando vamos a comer solomillo, es mi papá cuando le llevo una cerveza helada junto al televisor.

Mariana me dijo que *chévere cambur* es *tope guay*, pero no supe qué decirle. [...] *Chévere cambur* es *chévere cambur* y ya está. *Chévere cambur chévere cambur chévere cambur*

Não fale *polla*, fale *güevo*.
Não fale *cortado*, fale *marrón*.
Não fale *cacahuete*, fale *maní*.
Caralho, não fale, não fale, não fale assim, caralho.²⁶
(Guédez, 2004, p. 39)²⁷

São formas expressivas de resistência. A recusa de deslocar as palavras que designam elementos da vida cotidiana, torna-se explicitamente em autoconsciência, em consciência de si, porque a maioria dessas transformações vividas pelo indivíduo quando inserido no novo espaço que o acolhe é precisamente a incorporação de palavras ou formas expressivas que dão conta da transterritorialidade.

6 Conclusão: as palavras, a memória e as formas de enraizamento

A língua, fora de seus limites de variações linguísticas e do campo semântico que a informa, se destaca como um traço distintivo e faz com que os indivíduos adquiram plena consciência dela. Por ser um

26 A citação enfatiza as diferenças lexicais entre o espanhol da Venezuela e o espanhol da Espanha. Na tradução desse trecho, deixei as palavras sem tradução para acentuar essas diferenças. A continuação específico quais são suas respectivas traduções para o português, entre parêntesis assinalo a variação que pertence cada palavra: *Coche* (ES), *Carro* (VZL): Carro; *Sandia* (ES), *patilla* (VZL): melancia; *gafas* (ES), *lentes* (VZL): óculos; *polla* (ES), *güevo* (VZL): pau, pênis; *cortado* (ES), *marrón* (VZL) formas de nomear o café com leite cuja porcentagem de café é maior do que o leite; *cacahuete* (ES), *maní* (VZL): amendoim.

27 No digas coche, se dice carro.
No digas sandía, se dice patilla.
No digas gafas, se dice lentes.
No digas polla, se dice güevo.
No digas cortado, se dice marrón.
No digas cacahuete, se dice maní.
Carajo, que no digas, no digas, que no hables así, carajo

mecanismo de delimitação frente aos outros, a língua constitui – e especialmente para imigrantes e minorias étnicas – um elemento que contribui para definir identidade e ratificar o sentimento de pertença a um grupo social (Téllez, 2004, p. 44).

Há muitos elementos que poderíamos destacar das formas narrativas que temos contraposto, a partir das quais é possível assumir a condição de migração. A primeira, ancorada à forma como Paulino Zarandona subverte sua realidade e ideologicamente define sua nostalgia, seus jogos de memória e seu sonho eterno de volver a suas origens. Em *Una tarde con campanas* acudimos à leitura a partir do nível de representação na linguagem onde o jogo e a reflexão sobre as palavras criam o efeito daquela consciência que resiste ao deslocamento.

Ambas são formas de linguagem que permitem-nos apreciar como a literatura pode encontrar as marcas de ser naquele espaço “outro” onde arraigo e desarraigo, crise de identidade, resistência à transculturação ou formas de nacionalismo extremo van marcando o sujeito. A condição de sujeito migrante poderia possibilitar uma melhor compreensão do ser humano contemporâneo na América Latina e também em outros países com forte espectro migratório. Esse fenômeno, complexo e crônico é agravado pelas carências econômicas internas dos países ou a escalada da repressão ou diminuição das garantias mínimas de segurança para a vida:

A problemática dos deslocamentos de pessoas que fogem da violência, quando suas vidas e sua integridade física correm risco (refugiados) ou quando procuram uma vida melhor (migrantes), é um dos mais graves que afronta a comunidade internacional hoje em dia. Mais de 250 milhões de pessoas se deslocam ao redor do mundo por um ou outro desses motivos. Um drama sem precedentes que deve preocupar

aqueles que de alguma forma tomam decisões políticas no mundo²⁸.
(Rodríguez, 2008, p. 11).

Por todas estas razões que é importante compreender como a migração não só um deslocamento geográfico, mas um quadro complexo que lhe oferece ao deslocado os signos a partir dos quais é incorporado no espaço “outro” com a sua carga emocional, seus sonhos, sua memória e acima de tudo, com a sua linguagem para definir o novo status que simultaneamente define o curso de sua vida e também seu novo e complexo lugar de nunciação.

Referências

- AA. VV. **Las inmigraciones a Venezuela en el siglo XX. Aportes para su estudio**. Caracas: Fundación Francisco Herrera Luque-Banco Mercantil, 1995.
- CORNEJO, Polar. Antonio, Condición migrante e intertextualidad multicultural: el caso de Arguedas. *In: Revista de crítica literaria latinoamericana*, n. 42, 1995, p. 101-109.
- ISER, Wolfgang. La realidad de la ficción. *In: WARNING, Rainer. Estética de la recepción*. Madrid: Visor, 1989, p. 165-196.
- LANDA, Josu. **Zarandona**. México: Euskal Etxea-Centro Vasco, 2000.
- LÓPEZ, Felícitas. **El perezjimenismo: génesis de las dictaduras desarrollistas**. México: Universidade Nacional Autónoma do México, 1986.

28 La problemática de los desplazamientos de personas que huyen por la violencia, cuando sus vidas y su integridad física corren peligro (refugiados) o cuando buscan una vida mejor (migrantes), es una de las más graves que afronta la comunidad internacional hoy en día. Más de 250 millones de personas se desplazan por el mundo por una u otra de estas razones. Un drama sin precedentes que debe preocupar a los que de alguna manera toman decisiones políticas en el mundo.

- MARTÍN, Juan. **Planes, planos y proyectos para Venezuela: 1908-1958** (Apuntes para una historia de la construcción del país). Caracas: Universidade Central da Venezuela, 1994.
- MÉNDEZ, Juan. **Una tarde con campanas**. Madri: Alianza, 2004.
- MIGNOLO, Walter. **Los estudios subalternos ¿son posmodernos o poscoloniales?:** la política y las sensibilidades de las ubicaciones geoculturales. La Havana: Casa de las Américas, n. 204, 1996, p. 20-40.
- NIÑO, William. La ciudad de los inmigrantes. *In:* AA. VV. **Las inmigraciones a Venezuela en el siglo XX**. Aportes para su estudio. Caracas: Fundación Francisco Herrera Luque - Banco Mercantil, 1995, p. 197-203.
- REQUENA, Isidoro. **La memoria desmitificadora** (La novela venezolana durante el perezjimenismo). Mérida: Universidade de Los Andes, Mérida, 1992.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa I**. Tradução de Constança Marcondes Cesar. Campampinas, SP, Papyrus Editora, 1994.
- RODRÍGUEZ C. Víctor. A nadie asusta. *In:* **El Nacional** (Caracas), p. 11, 24 jun. 2008.
- RODRÍGUEZ Ortiz, Óscar. Los que vinieron a inventar. AA. VA. **Las inmigraciones a Venezuela en el siglo XX. Aportes para su estudio**. Caracas: Fundación Francisco Herrera Luque - Banco Mercantil, 1995, p. 189-195.
- TÉLLEZ, Belinda. **Cultura, identidad y condición migrante** en *Árbol de luna y Una tarde con campanas* de Juan Carlos Méndez Guédez. Universidade de Los Andes-Escola de Letras, Mérida, 2004.
- WARNING, Rainer. **Estética de la recepción**. Madri: Visor, 1989.